

O 'encontro' de Clarice Lispector e Nelson Rodrigues

PÁGINA 4



Doc. sobre Brizola faz sua estreia no Festival do Rio

PÁGINA 5



Penha ganha cinema de rua e integra o festival

PÁGINA 7



2º CADERNO

OS ANOS 80 ESTÃO ENTRE NÓS

CCBB RJ comemora seus 35 anos com exposição inédita que apresenta, através de 300 obras de 200 artistas de todo o país, um vasto panorama daquela década

Lua Morales/Divulgação



Como parte das comemorações pelos seus 35 anos, o CCBB RJ promove a exposição "Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil", uma mostra com cerca de 300 obras de mais de 200 artistas de todas as regiões do país, mostrando um amplo panorama das artes brasileiras na década naquele período. Com-

pletam a exposição elementos da cultura visual da época, como revistas, panfletos, capas de discos e objetos icônicos, ampliando a reflexão sobre a década. A exposição tem Raphael Fonseca como curador-chefe e Amanda Tavares e Tálisson Melo como curadores-adjuntos.

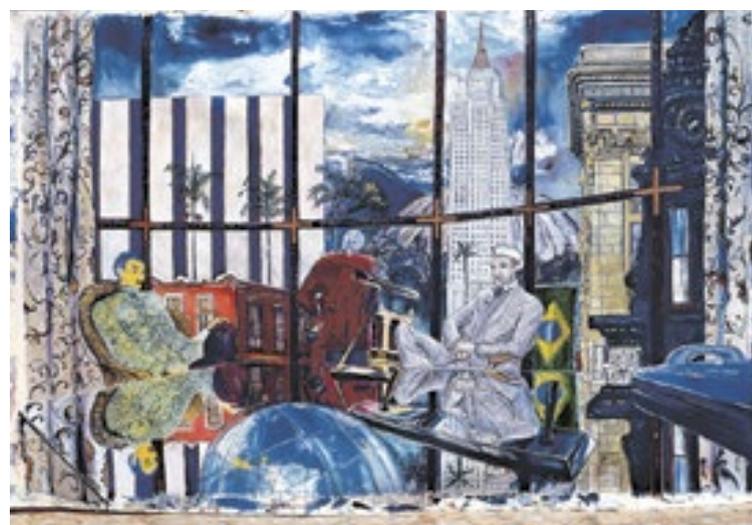
"Fullgás", assim como a música de Marina Lima, deseja que o público tenha contato com uma geração que depositou muito de sua energia existencial não apenas no fazer arte, mas também em novos projetos de país e cidadania. Uma geração que, nesse percurso, foi da intensidade à consciência da efemeridade das coisas, da vida", afirmam os curadores em comunicado.

A exposição ocupará todas as oito salas do primeiro andar do CCBB RJ, além da rotunda, e será dividida em cinco núcleos conceituais cujos nomes são músicas da década de 1980: "Que país é este" (1987), "Beat acelerado" (1985), "Diversões eletrônicas" (1980), "Pássaros na garganta" (1982) e "O tempo não para" (1988). Na rotunda do CCBB haverá uma instalação com balões do artista paraense radicado no Rio de Janeiro Paulo Paes. "O balão é um objeto efêmero, que traz uma questão festiva, de cor e movimento", dizem os curadores. Ainda no térreo, uma banca de jornal com revistas, vinis, livros e gibis publicados no período, com fatos marcantes da época, fará o público entrar no clima da exposição.

Continua nas páginas seguintes



Teti Waldraff - Fusos, 1983

Isaías Ribeiro -
Sem título, 1989

Luiz Zerbini - Os embaixadores do Oriente no Brasil

Período base para refletir o Brasil



Daniel Senise - Sem título (Ossos em cruz)

Cristina Salgado - Mulher TV, série
Família Materialista, 1982

Leda Catunda - Cérebro em stand, 1988

A mostra aborda o período de forma ampla, entendendo que seus questionamentos e impulsos começaram e terminaram fora do marco temporal de dez anos que tradicionalmente constitui uma década. Desta forma, a exposição abrange o período entre 1978 e 1993, tendo como marcos o final do Ato Institucional 5 e o ano posterior ao impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello. “Consideramos para a base de reflexões este arco de quinze anos e todas as suas mudanças estruturais e culturais para pensarmos o Brasil: do fim da ditadura militar ao retorno a uma democracia que, logo na sequência, lidará com o trauma de um impeachment”, contam os curadores, que selecionaram para a exposição obras de artistas cujas trajetórias começaram neste período.

Fotos/Divulgação



Alice Vinagre - *Ônibus circular ou o jogo de amarelinha, 1984*



Beatriz Milhazes - *Com quem está a chave do banheiro*

Nas artes visuais, a Geração 80 ficou marcada pela icônica mostra “Como vai você, Geração 80?”, realizada no Parque Lage, em 1984. A exposição no CCBB entende a importância deste evento, trazendo, inclusive, algumas obras que estiveram na mostra, mas ampliando a reflexão. “Queremos mostrar

que diversos artistas de fora do eixo Rio-São Paulo também estavam produzindo na época e que outras coisas também aconteceram no mesmo período histórico, como, por exemplo, o ‘Videobrasil’, realizado um ano antes, que destacava a produção de jovens videoartistas do país”, ressaltam os curadores. Desta



Leonilson - *Sem título (As ruas da cidade)*

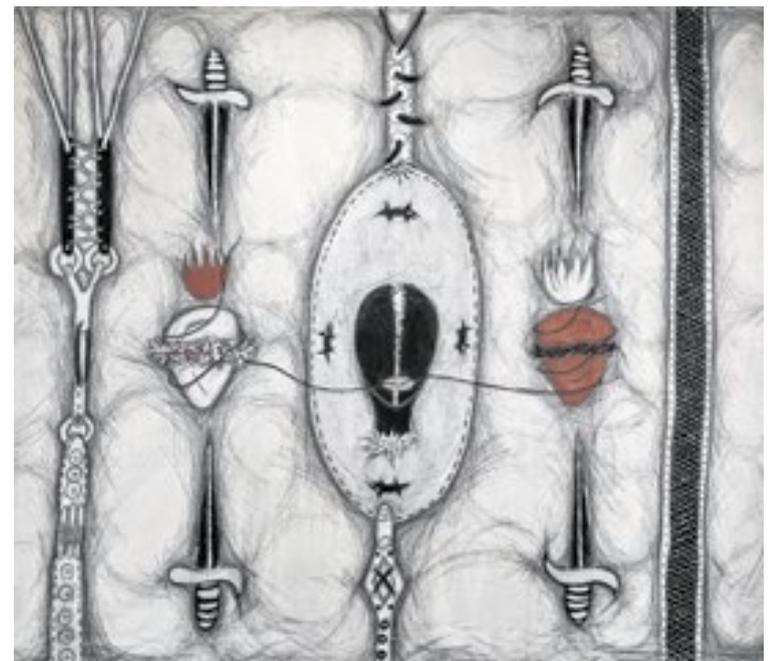
forma, “Fullgás – artes visuais e anos 1980 no Brasil” terá nomes de destaque, como Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Daniel Senise, Leonilson, Luiz Zerbini, Leda Catunda, entre outros, mas também nomes importantes de todas as regiões do país, como Jorge dos Anjos (MG), Kassia Borges (GO), Sérgio Lucena (PB), Vitória Basaia (MT), Raul Cruz (PR), entre outros. Para realizar esta ampla pesquisa, a exposição contou, além dos curadores, com um grupo de consultores de diversos estados brasileiros.

Além das obras de arte, a exposição trará, ainda, diversos elementos da cultura visual da década de 1980, como revistas, panfletos, capas de discos e objetos, que fazem parte da formação desta geração. “Mais do que sobre artes visuais, é uma exposição sobre imagem e as obras de arte estão dialogando o tempo inteiro com essa cultura visual, por exemplo, se apropriado dos materiais produzidos pelas revistas, televisões, rádios, outdoors e elementos eletrônicos. Por isso, propomos incorporar esses dados, que quase são comentários na exposição, que vão dialogando com os elementos que estão nas obras de fato”, ressaltam Raphael Fonseca, Amanda Tavares e Tálisson Melo.

A mostra será acompanhada de um catálogo com fotos das obras e textos dos curadores e de autores de



Leila Danziger, *Entre céus e ruínas*



Edilson Viriato - *Sem título, 1993*



Mônica Nador - *Mamãe Natureza, 1990*

diversas regiões do Brasil, que abordarão os tópicos centrais da exposição, analisando os diversos aspectos culturais deste recorte histórico. Depois da temporada no CCBB RJ, a exposição segue para as unidades do CCBB de Brasília (18/2 a 27/4), São Paulo (21/5 a 4/8) e Belo Horizonte (27/8 a 17/11).

SERVIÇO

FULL GÁS - ARTES VISUAIS E ANOS 80 BRASIL

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (Rua Primeiro de Março, 66 – Centro) Até 27/1, de quarta a segunda (9h às 20h) | Entrada franca

Carol Beiriz/Divulgação



Carol Cezar e Marcos Pitombo encenam um encontro entre dois gigantes da literatura brasileira que leva o espectador à reflexão

O dia em que Clarice e Nelson se 'conheceram'

Baseado em entrevistas e declarações que os dois grandes nomes da literatura nacional concederam ao longo de suas vidas, espetáculo retrata as dores e angústias de dois jovens autores com muito em comum

Um encontro de dois grandes nomes da literatura nacional acontecerá em outubro nos palcos cariocas, Clarice Lispector e Nelson Rodrigues, em concepção teatral “Clarice & Nelson – Um recorte biográfico a partir de entrevistas”, criada para trazer à tona debates, falas, ideias em comum e divergências, e o que pensavam os mestres das palavras sobre o ofício de ser artista, o sofrimento para escrever e serem reconhecidos

por seus talentos, para tanto contribuir com a cultura. Duas mentes brilhantes que repercutem até hoje sobre temas revisitados em suas obras que parecem muitas vezes tão atuais.

Com texto de Rafael Primot e Franz Keppler, traz Carol Cezar e Marcos Pitombo nos papéis principais, com direção teatral de Helena Varvaki e Manoel Prazeres. A peça ficará em cartaz no Teatro Poeirinha, em Botafogo, desta terça-feira (8) outubro a 18 de dezembro.

Na sinopse original idealizada por Primot, Clarice e Nelson têm um encontro fictício em meados de 1949, quando ainda eram dois jovens nomes da literatura brasileira. Esse encontro não aconteceu, mas a peça cria essas conversas a partir dos trechos de entrevistas concedidas pelos escritores ao longo da vida. E transpõe esses dois personagens e seus conflitos para os palcos com diálogos críticos e divergentes como eram suas ideias, ele um homem com seus conceitos e julgamentos; ela com sua audácia de falar sobre sentimentos, o que as mulheres queriam e sonhavam, quebrando paradigmas. Mas, que tinham muito em comum, a do poder da palavra.

“A ideia de recriar esse encontro com dois grandes nomes da literatura nacional, após temporadas de sucesso já apresentadas, foi da atriz Carol Cezar juntamente com ator e autor Rafael Primot que convidou o Franz

Keppler para escrever o texto com ele. Clarice e Nelson deixaram obras monumentais: no tamanho, na complexidade e na capacidade de estarem sempre nos surpreendendo”, diz Manoel Prazeres

O texto do espetáculo usa também como base para desenvolvimento, falas e declarações reais por meio de extensa pesquisa bibliográfica, extraídas de diversas entrevistas ao longo de anos para vários veículos, concedidas pelos autores representados. O que dá mais veracidade e mais força ao contexto da peça, nas palavras que saíram da boca de Clarice e Nelson e que irão continuar repercutindo no palco, nessa obra. Sobre as controvérsias dos personagens e suas personas, revelados em vida, em suas obras, as feridas abertas da hipocrisia reveladas por Nelson e, ao mesmo tempo, com posturas tão sedimentados no patriarcado, a doçura e a audácia de Clarice em revelar os desejos femininos, os conflitos familiares, o ser mulher, tudo mantido para constar a formação de opinião dos dois. Sobre isso, Manoel Prazeres resume: “Nunca deixaram o Nelson deixar de ser o Nelson que foi desde criança. A vida é um conflito. Clarice e Nelson nunca se omitiram, mas tiveram o cuidado de não se deixar sequestrar por qualquer sectarismo”.

Helena Varvaki, que divide a direção da peça com Manoel, elogia a entrega de todos os envolvidos no projeto: “Manoel e eu optamos por privilegiar a busca dos atores no seu processo de criação. Se aproximar da obra de Clarice e Nelson é sempre uma oportunidade de sermos atravessados por novos entendimentos da fragilidade humana” afirma.

O espetáculo chega aos palcos pela iniciativa de Carol Cezar, que ultrapassa seus limites e atua por trás dos holofotes, cortinas e aplausos para conseguir manter-se vivendo da arte, levando cultura ao público. Ela conhece bem o caminho das pedras e os desafios de colocar um espetáculo de pé. “Desde 2014, produzo meus espetáculos, porque decidi que não ia esperar ser escolhida. Uma vez, ouvi a Fernanda Montenegro falar sobre ser ator, e suas palavras me acertaram em cheio: “se morrer porque não está fazendo isso, se adoecer, se ficar em tal desassossego que não te deixa dormir... aí você é do ramo”. Me identifiquei na hora!”, diz.

SERVIÇO

CLARICE & NELSON - UM RECORTE BIOGRÁFICO A PARTIR DE ENTREVISTAS
Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo)
De 8/10 a 18/12, às terças e quartas (20h) | R\$ 60, R\$ 30 e R\$ 20 (promocional)



Durante seu governo no Rio de Janeiro, Leonel Brizola tentou conter os avanços hostis da PM nas favelas

Campeão de bilheteria nº 1 da não ficção no país, Silvio Tandler enquadra um dos políticos mais combativos do Brasil sob novos ângulos, resgatando bastidores do Rio de Janeiro dos anos 1980

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Único documentarista brasileiro a cruzar a marca do blockbuster e emplacar uma bilheteria na faixa do milhão (“O Mundo Mágico dos Trapalhães”), Silvio Tandler acaba de vencer uma dura batalha por sua saúde, após complicações cardíacas derivadas de uma estenose aórtica que o levaram a uma cirurgia às pressas.

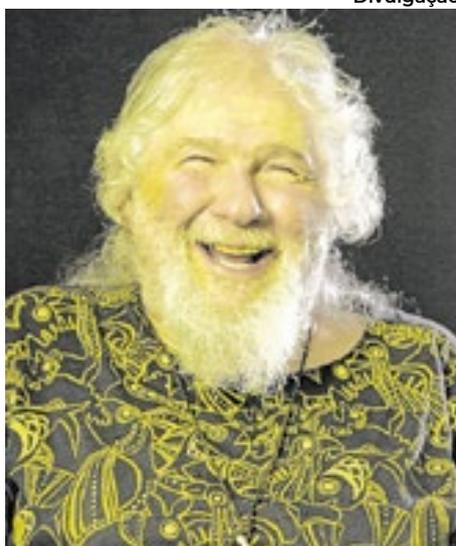
De certa forma a projeção de seu novo longa-metragem, “Brizola – Anotações Para Uma História”, na Première Brasil do Festival do Rio, nesta segunda, ganha um tom de celebração. A celebração de uma vida de realizações invejáveis nas telas.

Ninguém conquista o título de “papa do documentário histórico brasileiro” por acaso. Existe, contudo, um outro festejo simbólico na exibição do filme – sobretudo no dia seguinte a um processo eleitoral – que é a celebração da democracia, palavra de ordem desse retrato biográfico de um político combativo. Tem sessão dele hoje às 19h em duas salas do Estação NET Rio, a 1 e a 5.

“Quando foi governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola construiu mais de seis mil escolas lá: as ‘Brisoletas’. O (jornalista) Caco Barcellos conta que o primeiro par de tênis que ele ganhou na vida foi dado numa ‘Brisoletta’, pelo Leonel”, disse Tandler, ao Correio da Manhã durante o processo de filmagem do .doc.

“Na narrativa, tento quebrar paradigmas

Um sonho democrático chamado Brizola



Divulgação

Após sofrer parada cardíaca, Tandler se reinventa com novo documentário

de seus antagonismos, lembrando, por exemplo, sua tensão com Roberto Marinho. Em seu governo no Rio de Janeiro, Brizola impôs que polícia não entra em favela chutando porta de barraco. É uma trilha essencial para entender o pensamento social dele.”

Responsável por alguns dos mais polpudos faturamentos do cinema de não ficção no país, com o êxito popular de “Anos JK” (1980) e “Jango” (1984), o diretor idealizou o projeto a fim de investigar uma trajetória sociológica de pejejas. Tandler conta que Brizola só teve a primeira certidão de nascimento aos 11 anos de idade. Ele foi engraxate e boy em um hotel e, pelo próprio esforço, formou-se engenheiro, engajando-se na política estudantil.

Entra para o Partido dos Trabalhadores do Brasil (PTB) quando este ainda se encon-

tra em formação e casa com Neusa, a filha do fazendeiro mais rico de sua região, no Rio Grande do Sul. É a filha do Coronel Vicente Goulart, irmã do ex-presidente João Goulart.

“Brizola teve o casamento dele abençoado pelo Getúlio Vargas e segue uma vida de trabalhismo afora. O sonho dele sempre foi o de chegar à Presidência da República. Tenta ser eleito ao cargo em 1965, por meio da campanha ‘Cunhado não é Parente’, mas o golpe de estado, em 1964, faz com que ele fique no exílio até 1979. São quinze anos. Ele volta ao Brasil e ganha o Governo do Rio de Janeiro, em 1982. Foi uma eleição que tentam garfar dele”, conta Tandler.

“A luta que ele faz para ser governador do Rio de Janeiro é uma coisa forte no filme. Ele é eleito governador, constrói 600 Cieps no Rio de Janeiro, para deixar claro qual era do projeto de Brasil que ele tinha: deixar as crianças alfabetizadas na escola, bem alimentadas, saudáveis em prol de um país saudável”, acrescenta Tandler.

“Quero propor uma nova abordagem política dele. Tive poucos encontros com Brizola e nunca fui brizolista, mas tenho respeito por ele. É por isso que eu aceitei esse projeto, pois só faço filmes do que eu não sei, para conhecer os personagens. Nesse documentário, eu tento quebrar paradigmas de seus antagonismos”, reforça o mestre documentarista.

“Brizola – Anotações Para Uma História” tem mais um par de sessões no Festival do Rio: uma é nesta terça, às 14h, no Cine Santa, que volta a acolher o longa no dia 11, às 22h30.

ENTREVISTA / MIN BAHADUR BAHM, CINEASTA

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Estonteada por panorâmicas raras vezes clicadas das montanhas nepalesas, cobertas por uma malha de gelo, a Berlinale torcia nervosamente para que a empreitada da jovem Pema pelas mais inóspitas paisagens de sua pátria resultasse em sucesso, em felicidade e, quiçá, num Urso de Ouro.

A personagem interpretada por Thinley Lhamo, uma futura mamãe com a barriga no ápice da gestação, tornou-se a heroína mais destemida do Festival de Berlim e tende a ganhar o mesmo status em solo carioca, onde suas aventuras, em nome do amor, serão conhecidas nesta segunda-feira (7), às 20h45, com a projeção de “Caminho da Vida” (“Shambhala”), no Cinesystem Botafogo 2.

Nascido há 40 anos no distrito de Mugu, província de Karnali, Min Bahadur Bham é quem as peripécias de uma mulher contra uma natureza inóspita, movida pelo desejo de encontrar seu marido desaparecido, com a ajuda de um jovem monge, não por acaso chamado Karma, que se apaixona por ela. O cineasta já havia despontado sob os olhares da crítica com seu longa anterior, “Nas Estradas do Nepal”, premiado no Festival de Veneza de 2015.

Na entrevista a seguir, concedida ao Correio da Manhã em Berlim, Bahadur explica o desafio de transpor a barreira da antropologia ao mapear uma cultura pouco familiar ao Ocidente na narrativa de tintas metafísicas que leva nesta segunda ao Festival do Rio. Há mais sessões de “Caminho da Vida” agendadas para quinta, às 14h15, no Estação NET Rio 4, e para sábado, às 18h40, no Estação NET Gávea 4.



Em ‘O Caminho da Vida’, do realizador nepalês Min Bahadur Bham, uma jovem grávida luta contra adversidades geográficas para afirmar seu desejo

‘Há espiritualidade na andança’

Rodrigo Fonseca



Qual é a imagem que o cinema internacional fabricou do Nepal e que imagens você leva às telas com “Caminho da Vida”, que vai representar sua nação na briga por uma vaga na disputa pelo Oscar?

Min Bahadur Bham: Eu tenho a vivência das montanha, como todos do meu povoado natal, Bhambada, em Mugu. Enten-

do o que muita gente busca com suas câmeras quando passa por lá e vê a paisagem, mas não há como se falar de uma cultura só mostrando sua geografia física, sem abrir discussões sociais. Eu deixei a minha aldeia aos 15 anos e fui ganhar o mundo. Levei comigo a lembrança da descoberta do cinema, que me foi apresentado pelo meu pai, quando ele conseguiu arranjar

um equipamento de projeção e levou até nossa vila. Lembro de ver filmes ao lado de meus irmãos e amigos, maravilhado. Foi uma descoberta da arte e de mim. Por isso, a minha forma de expressão pelas vias cinematográficas hoje se dá pelo esforço de conduzir meu elenco, repleto de atrizes e atores não profissionais das próprias localidades, a manifestarem seus valores internos diante da câmera. Eu não nego a dimensão etnográfica do meu filme nessa perspectiva de direção. Há uma voz cultural se expressando ali.

O que a jornada de Pema expressa sobre a condição feminina do Nepal de hoje?

A mobilidade territorial é parte de nossas vidas naquela região. Pema faz uma jornada que é parte de nosso ritual de sobrevivência, mas desafia a condição social de ser rotulada como “dona de casa”, presa ao lar, para buscar seu amor. Há a convenção cultural de ir atrás de um marido que sumiu, mas, pouco a pouco, em sua coragem, ela vai se desapegando desse objetivo e

embarcando numa jornada de iluminação. Eu queria que a viagem pela montanha fosse um rito de encontro com a essência espiritual. Há uma travessia externa que converge numa travessia interna. Há espiritualidade na andança.

Qual foi a maior dificuldade nas filmagens?

Rodamos num perímetro fronteiriço com o Tibete e só havia a chance de uma refeição por dia, por nosso cronograma de ação e pela adequação às práticas culturais de um terreno onde se gasta muita energia no deslocamento no frio entre as pedras, no esforço de se cruzar rios.

Como você encara a produção cinematográfica do seu país hoje?

Tenho a sensação de que a gente está vivendo uma espécie de Nova Onda, pois só na Berlinale havia um grupo de mais cinco cineastas nepaleses mais jovens do que eu.

O Festival do Rio 2024 segue até o dia 13.

Divulgação



Nosso Sonho

Divulgação



Levante

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Tradicionalmente associado ao Odeon e às salas do Grupo Estação na Zona Sul, o Festival do Rio amplia seu circuito, em 2024, ao incorporar a mais nova tela da cidade em seu perímetro de exibições: o Cinecarioca Penha - a recém-inaugurada sala que expande a cinefilia nos subúrbios fica na Av. Brás de Pina, 150.

A fina programação ligada ao

evento foca em títulos nacionais nesta segunda-feira (7) tem duas produções de peso: às 14h, rola “Levante”, de Lillah Halla, e às 16h30, o maior sucesso de bilheteria do país de 2023, “Nosso Sonho - A História de Claudinho e Buchecha”.

Trator estético, capaz de passar por cima de todas as incongruências morais do país e de nossa pontual inércia na recepção de exer-



Sob as bênçãos da Padroeira do subúrbio

Sala de cinema recém-inaugurada na Penha acolhe produções nacionais que ampliam o diálogo do público da Zona Norte com as narrativas autorais do audiovisual do Brasil

cícios audiovisuais, “Levante” chega muito bem referendado por prêmios país – e planeta – adentro. Lançado mundialmente na Semana da Crítica de Cannes de 2023, quando ganhou o Prêmio da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci), o longa deixou o Fest Aruanda, na Paraíba, com as laureas de Melhor Filme, Melhor

Atriz (Ayomi Domenica), Atriz Coadjuvante (Loro Bardot), Roteiro (de Lillah e Maria Elena Morán), Som (Wáldir Xavier) e Figurino (Nicole Davrieux). A trama narra o processo de uma jovem atleta que engravida sem desejar e opta por abortar. Mas vai enfrentar resistências por isso.

Com 500 mil ingressos vendidos, “Nosso

Sonho – A História de Claudinho e Buchecha” é um convite às lágrimas. Seu diretor, Eduardo Albergaria, viu seu nome se associar a um fenômeno popular que gruda em corações e mentes sobretudo no subúrbio. Teve gente saindo pelo ladrão das sessões do Kinoplex Norte Shopping e do cinema de Madureira. Espera-se o mesmo na Penha. Comovente do começo ao fim, sem ser excessivamente melosa um segundo que seja, a produção aposta no carisma da dupla que ajudou a levar a alegria e a resiliência das periferias cariocas para a música. À luz elegante da fotografia de João Atala, Lucas Penteadó e Juan Paiva encarnam os bardos românticos por trás de “Só Love” e “Fico Assim Sem Você”. Não por acaso, ao longo de uma carreira meteórica, interrompida pela morte de Claudinho (num acidente na Dutra, em 2002), os dois cantaram: “Nossa história vai virar cinema/ E a gente vai passar em Hollywood, mas/ Se ninguém gostar não tem problema/ Meu bem um grande amor/ Não há quem mude”.

Fundador da produtora Urca Filmes, usina de séries e documentários, Albergaria despontou na direção com o curta “Achados e Perdidos” e estreou na direção de longas com uma trama romântica meio argentina, meio carioca, chamada “Happy Hour” (2018). “Niteroiense de origem, sou do ingá, da rua Pereira Nunes, vizinho da faculdade de cinema da UFF, onde sonhava estudar até que Collor nos atravessou e fez este sonho parecer impossível. Adieei o cinema por alguns anos até que não aguentei mais”, conta o realizador, aos 50 anos.

Nesta terça, a grade do Cinecarioca Penha exhibe “Tô de Graça - O Filme”, às 14h, e “Estômago 2 - O Poderoso Chef”, às 16h.

O QUE VER SEGUNDA NO FESTIVAL

POR RODRIGO FONSECA

A MAIS PRECIOSA DAS CARGAS

(“La Plus Précieuse Des Marchandises”), de Michel Hazanavicius (França):

Nesta delicada animação, um casal de lenhadores observa, diariamente, trens atulhados de gente passarem diante de seus olhos. Até que alguém joga o presente que eles jamais pensariam em receber: um bebê. Uma reflexão sutil sobre a luta pela vida durante o Holocausto judeu. Onde: Estação NET Rio 4, 18h45



MEMÓRIAS DE UM CORPO ARDENTE

(“Memorias De Un Cuerpo Que Arde”), de Antonella Sudassi Furniss (Costa Rica):

Ganhador do Prêmio de Júri Popular da mostra Panorama de Berlim. A partir de uma abordagem sobre a vida depois dos 60, com a chegada da veiche, o cinema hispano-americano renova sua força estética neste painel sobre três mulheres que se assumem idosas e falam de seus desejos e medos. Onde: Cinesystem Botafogo 2, 18h30



PEDAÇO DE MIM

(“Mon Inséparable”), de Anne-Sophie Bailey (França):

Pepita oriunda do garimpo de Veneza. Em sua trama, Mona (Laure Calamy) vive em um pequeno apartamento com seu filho adulto Joël, que é PcD. Ele está perdidamente apaixonado por sua colega de trabalho Océane, que também é PcD, mas Mona desconhece o relacionamento dos dois. Quando Océane engravida, escolhas devem ser feitas. Onde: Estação NET Botafogo 1, 21h15



Uma festa de Babette

Linha orgânica da Fazenda do Retiro faz bonito com qualquer escola culinária

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Existe coisa melhor que uma mesa bem montada, espumante gelado, vinhos ótimos, comida incrível de uma chef criativa e competente, ao lado de pessoas queridas, ex-alunas do coração? Tivemos o privilégio receber o convite, do núcleo de Mariana Fonseca, da Documenta, para participar do jantar de apresentação dos orgânicos da farm factory de Claudia Peroba, a Fazenda do Retiro.

Claudia é expert em alimentação orgânica e sob a produção de

Alexandre Schnabl, um expert do bom gosto, o festim aconteceu no Nouvelle Cuisine, de Lou Bittencourt, onde a anfitriã compõe os serviços com louças lindas. É a chef Monique Gabiatti entregou pratos deliciosos com os ingredientes produzidos na fazenda.

O cardápio de pequenas porções, delicadas como exigia a proposta, que era evidenciar frescor, doçura, sabor versatilidade, foi um mostra de como os orgânicos vão bem com todas as proteínas, com todos os tipos de cozinha - asiática, latino-americana, brasileira, mediterrânea, europeia e grega como o sakanaki, nome advém de ser usada



Divulgação

Os produtos da linha orgânica desenvolvida na fazenda

um frigideira pequena.

Publicamos aqui o menu na íntegra, pois Monique tem um

característica única: transformar o

comum em incomum com acerto. Eis: Salsa Rocoto Acevichada com

Atum Curado; Emulsão de Abacate, Óleo de Abacate e Chips de Banana da Terra; Saganaki com Chutney de Beterraba e Saladinha Fresca; Rabanada de Steak Tartar; Arroz de Tomate com Patacones de Polvo e Aioli; Tacos de Polvo com Hommus de Feijão, Aioli de Missô e Relish de Beterraba; Bao de Porco com Chili Crunch de Orégano e Limão; e, com chave de ouro o Pudim de Pistache com Pralinê de Pistache e Creme Inglês de Capim Limão.

O frescor da noite, as mui-tíssimas risadas, lembranças, comentários com Danni Camilo, a melhor consultora de restaurantes dessas plagas; a chef e consultora Flavia Quaresma, os jornalistas Bruno Calixto, Maria Helena Esteban e Carol Zappa e Alexandre, o produtor, nos fez sair cantando: “Erga as mãos para os céus e agradeça”.

SERVIÇO

FAZENDA DO RETIRO
www.fazendadoretiro.com.br

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Para os miúdos

Crianças adoram presentes diferentes e que possa curtir com quem gosta. Assim, o Café Cardin preparou uma ação especial Cesta de Café da Manhã Kids e Kit Dia das Crianças para encomendas. O Kit é composto por croissant de queijo e presunto, palitinhos de queijo, cookie de Nutella e brownie recheado com brigadeiro. Já a Cesta, uma broinha, um doguinho, uma caixa de mini brownie, um pacote de língua de gato, um croissant simples, um pacote de palitinhos de queijo, um croissant de Nutella, uma porção de requeijão e suco.

Divulgação



Divulgação



Releituras veganas

Ótimos pratos veganos/vegetariano, com clássicos revisitados, é a proposta do chef Richard Langa, do restaurante Joaquina, nas casas da Cobal Humaitá e Leme. Palmito no charbroiler; Bruschetta da casa; Strogonoff vegetariano com tofu defumado orgânico, cogumelo shitake, alho poró assado, molho artesanal com um toque de vinho branco (ou o molho vegano de castanha de caju), batata palha caseira e arroz branco e a Moqueca de banana-da-terra com palmito fresco, molho de moqueca artesanal, farofa de amêndoas e arroz branco são escolhas acertadas.

Tomás Rangel/Divulgação



O melhor do cordeiro

Cordeiro é uma carne deliciosa, desde que preparada de forma correta. Para sorte e gozo dos apreciadores, o tradicional restaurante árabe Amir está cheio com uma novidade no cardápio. O stinco de cordeiro – a canela, uma das partes mais saborosas do cordeiro –, servido com salada de couscous marroquino (amêndoas, passas, cenoura e salsinha) e caponata de berinjela servido nos fins de semana, aos sábados e domingos. Tudo sob a batuta competente de Yasmin Boushi que também nos presenteia com Torta de damasco da Yaya com farofa de pistache.